UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEDOC

Audiovisual e acampamentos da Reforma Agrária: análise de vídeos sobre os acampamentos Zequinha Nunes e Cícero Guedes

Adonilton Rodrigues Souza

PLANALTINA-DF
2023

Adonilton Rodrigues Souza

Audiovisual e acampamentos da Reforma Agrária: análise de vídeos sobre os acampamentos Zequinha Nunes e Cícero Guedes

Trabalho de Conclusão de Curso/Monografia apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Faculdade UnB Planaltina como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Educação do Campo na área de Linguagens, Artes e Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves

Planaltina - DF
2023

Adonilton Rodrigues Souza

Audiovisual e acampamentos da Reforma Agrária: análise de vídeos sobre os acampamentos Zequinha Nunes e Cícero Guedes

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagens.

Aprovado em 28 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves (Orientador)
Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB)

_____

Prof.ª Me. Adriana Fernandes Souza (Examinadora)
Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB)

_____

Prof. Me. Thalles Gomes Camêllo da Costa (Examinador)
Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB)

Dedico este trabalho primeiramente ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, por ter me transformado enquanto sujeito camponês e ter me dado a oportunidade de lutar e sonhar com dias melhores.

À minha querida irmã Adailde Rodrigues Souza que, mesmo sem saber que era um movimento social, me indicou o Acampamento 8 de Março para eu ingressar na luta e, por mais que os caminhos foram difíceis, já colhi alguns frutos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me guiado até aqui com muita disposição para lutar, saúde, força e fé nessa caminhada acadêmica e de muita luta pessoal e coletiva, pois foram muitas dificuldades até chegar aqui. Obrigado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, por ter me transformado enquanto sujeito coletivo, aos meus pais e, em especial, a minha companheira Mirele Diovana e meu filho Bernardo que, depois de sua chegada, me deu um incentivo maior para prosseguir nesta jornada acadêmica, e toda a minha família. Agradeço também a uma pessoa muito especial e que, além de mestre, é um grande amigo incentivador que sempre acreditou em mim, como ser humano e na minha formação acadêmica, por isso usarei uma palavra de origem africana, “ubuntu’’ - “sou porque somos”, para mostrar minha gratidão ao grande educador e orientador Felipe Canova pela confiança, incentivo, contribuições e suas correções, pelo compromisso e empenho na construção desse trabalho. À Universidade de Brasília, campus de Planaltina – DF (FUP-UnB), pelo ambiente amigável e de criatividade que proporciona aos alunos a lutarem por aquilo que acreditam e também pela oportunidade de acesso ao Residência Agrária Jovem, que foi a porta para que eu chegasse ao curso da LEdoC. A esta universidade, seu corpo docente, aos servidores técnicos, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje eu realizando um sonho de fazer nível superior. À toda a equipe de direção da LEdoC (Licenciatura em Educação do Campo), aos movimentos sociais por estarem sempre na luta em busca de uma educação de qualidade para a classe trabalhadora. Ao MEC (Ministério da Educação), CNPq, ao Governo Federal, pela aprovação e execução desse curso para o povo trabalhador. Um curso, criado especialmente para os trabalhadores o curso de educação do campo. Aos companheiros de banca Adriana Fernandes e Thalles Gomes, a quem agradeço muito pelo compartilhamento de conhecimento que levarei para vida toda. Deixo também minha dedicatória a meus caros colegas de curso, que me ensinaram bastante.

RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo realizar análises fílmicas de vídeos sobre os acampamentos da Reforma Agrária Zequinha Nunes do MST-MG e Cícero Guedes do MST-RJ, veiculados no canal do YouTube do MST, utilizando a metodologia de análise de conteúdo e de imagem e som de Penafria (2009). A proposta veio da necessidade, como acampado da Reforma Agrária, analisar vídeos sobre o contexto em que vivo e, posteriormente, de nos prepararmos para avançar na construção de um documentário sobre o acampamento 8 de Março. Trouxemos como resultados a importância de se trabalhar o registro audiovisual dos acampamentos e reforçar aspectos como a história de luta, o papel dos sujeitos acampados, a produção agroecológica, entre outros.

Palavras-chave: audiovisual, análise fílmica, acampamento, Reforma Agrária, agroecologia.

.

ABSTRACT

This research aimed to make film analysis of videos about the Agrarian Reform camps Zequinha Nunes of the MST-MG and Cícero Guedes of the MST-RJ, broadcast on the YouTube channel of the MST, using the methodology of content analysis and image and sound of Penafria (2009). The proposal came from the need, as an Agrarian Reform camper, to analyze videos about the context in which I live and, subsequently, to prepare ourselves to advance in the construction of a documentary about the March 8 camp. We brought as results the importance of working on the audiovisual record of the camps and reinforcing aspects such as the history of struggle, the role of the camped subjects, agroecological production, among others.

Keywords: audiovisual, film analysis, camping, Agrarian Reform, agroecology.

SUMÁRIO

Introdução.....09

Capítulo 1 - Contextualização do objeto de pesquisa..... 14

1.1- Acampamentos da Reforma Agrária.....14

1.2 – Conflitos no território com a permanência do latifúndio: Acampamento 8 de Março..... 18

Capítulo 2 – Audiovisual e luta pela terra.....22

Capítulo 3 – Capítulo 3 – Análise de vídeos sobre acampamentos da Reforma Agrária.....25

3.1 – Acampamento Zequinha Nunes – MST-MG.....25

3.2 – Acampamento Cícero Guedes – MST – RJ.....33

Considerações finais.....38

Referências bibliográficas.....40

INTRODUÇÃO

O tema de pesquisa que escolhi trata da relação entre audiovisual e os acampamentos como territórios de luta pela Reforma Agrária. Desse tema geral, escolhi, como primeiro recorte de pesquisa na qualificação, trabalhar a importância do audiovisual e da produção agroecológica no Acampamento 08 de Março do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra DF e Entorno(MST-DFE), por meio de um material audiovisual na forma de documentário. A ideia era incentivar os acampados no aumento de suas produções e a valorização dos mesmos.

Após uma avaliação posterior à qualificação, percebi que seria interessante adequar o tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), para uma etapa intermediária antes da elaboração do documentário: analisar filmes feitos pela militância do MST sobre os acampamentos da Reforma Agrária. Como justificativa, entendo que a importância deste trabalho é abordar as produções de audiovisual sobre os acampamentos do movimento, entendendo como as narrativas são construídas e acumulando conhecimento para uma posterior realização audiovisual que conte a história do Acampamento 8 de Março e sua produção agroecológica. Compreendo que o fundamento desse tipo de produção deve ser o olhar que podemos construir com o audiovisual sobre a organização social, bem como precisa incentivar os acampados para aumentar suas produções e a valorização dos mesmos por meio da sistematização de vídeos e o registro da memória.

Como acampado e sujeito desta história, entendo que é importante assumirmos a nossa própria produção de vídeos e juntamente com a comunidade refletirmos sobre o que queremos e como queremos produzir, tanto nos cultivos agroecológicos, como também no audiovisual.

Aproveito então, nesse momento, para me apresentar como sujeito pesquisador.

Sou nascido em Corrente, Piauí, filho de agricultor e dona de casa. Eu sempre estudei em escola pública, desde muito cedo gostava de estudar apesar da vida dura que levava. Desde os 8 anos de idade eu tinha que ajudar meu pai na roça e estudar, então com 12 anos de idade fui morar em uma cidadezinha pequena chamada Sebastião Barros, Piauí, em uma casa que o prefeito construiu para os estudantes que não tinham casa na cidade ou não tinha dinheiro para aluguel.

Estudei até o sétimo ano lá, então meus pais conseguiram comprar uma casinha em um bairro em Corrente e eu segui meus estudos na minha cidade natal até terminar o ensino médio e sempre trabalhando para ajudar meus pais. Apesar de todas as dificuldades, meu sonho sempre foi prosseguir nos estudos e tinha como sempre horizonte fazer faculdade. Tentei vestibular e Enem algumas vezes, mas não obtive sucesso por conta do sistema que era muito excludente. Percebia que estudava quem tinha dinheiro, por isso resolvi sair da minha cidade natal em busca de oportunidade.

Foi quando vim embora para Brasília em busca de sonhos, trabalhei e morei em Ceilândia 5 anos fichado em uma fábrica de processamento de batatas e sempre com o sonho de voltar para o campo e de fazer faculdade. Em 2012, conheci o MST através da minha irmã mais velha e aos poucos foi conhecendo a luta e me apaixonando pelo movimento MST, ingressando como acampado no Acampamento 8 de Março.

Nessa época, logo após acampar no 8 de Março, foi quando tive a primeira oportunidade de fazer o primeiro curso na UnB, o Residência Agrária Jovem, um curso que foi bastante riquíssimo com várias trocas e aprendizados coletivos com jovens camponeses e quilombolas. Em 2015, tive também a oportunidade de fazer uma prova de direito em Goiás Velho, porém não consegui ingressar lá devido ao fato de ser muito concorrido.

Em 2016, ingresso na LEdoC onde conseguir me transformar enquanto sujeito coletivo. Foram muitos aprendizados e transformação em minha vida. Superei a timidez e hoje faço diálogos políticos pelo estado do Distrito Federal e entorno. Como morador do acampamento conseguimos fazer várias intervenções junto à comunidade, ainda não sou um bom teórico como deveria ser, mas os aprendizados coletivos são imensos.

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) é um curso pensado para pessoas do campo, é um curso em alternância onde os estudantes ficam três meses na universidade e três messes na comunidade adquirindo os saberes científicos e tradicionais juntando a teoria e prática. São 4 anos de duração formando professores, gestores e líderes comunitários em três habilitações: Matemática, Ciências da Natureza e Linguagens, Artes e Literatura. Foi bastante luta para continuar no curso e concluir a jornada, por isso quero destacar que se não fossem os excelentes professores a gente não conseguiria ir tão longe. É uma formação para a vida, tenho muito orgulho do curso que fiz. Hoje sou acampado no Acampamento 8 de Março há 12 anos na luta e na resistência, avançando na produção agroecológica e na organização das famílias juntamente com a companheirada. Sei que ainda tem muito para a gente conquistar, mas dentro da nossa luta e resistência conquistaremos nossos objetivos. Cheguei no acampamento bastante novo, hoje estou com 33 anos, tenho um filho de 8 meses e sou dirigente do movimento.

Retomando a temática da pesquisa, pretendemos, após esse TCC e das análises dos filmes, seguir então com a criação do documentário e construir uma ferramenta de diálogo com a sociedade, divulgando assim a produção agroecológica do acampamento 08 de Março, localizado na região de Planaltina - DF, KM 12, BR-020, DF-345 e vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST-DFE). Dessa forma, podemos contribuir com a memória histórica construída por um pesquisador integrante do acampamento.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar duas obras audiovisuais sobre acampamentos da Reforma Agrária do MST, para buscar compreender as abordagens de quatro aspectos: o conflito agrário no território, o papel da militância do movimento e da base acampada, a história da luta pela terra no local e a produção de alimentos. Como objetivos específicos pretendo desenvolver e complementar minha formação como realizador de audiovisual, no âmbito do que vem se acumulando em conhecimento na área de Linguagens da Educação do Campo e no debate do Movimento Sem Terra e compreender

métodos de análise de filmes, que permitam avançar no entendimento da linguagem audiovisual.

As obras audiovisuais que selecionamos estão disponíveis no canal do YouTube do Movimento Sem Terra[1], na *playlist* Documentários MST, tendo sido produzidas por integrantes da Brigada de Audiovisual Eduardo Coutinho (BAEC), coletivo responsável pela criação, formação e distribuição de audiovisual no movimento. São elas: “ACAMPAMENTO ZEQUINHA | 1 ano de muita luta e resistência!”[2], produzidos por militantes do MST-MG e “Acampamento Cícero Guedes (RJ): Primeiros momentos da Ocupação”[3], de militantes do MST-RJ.

Utilizei para esse desafio de uma proposta metodológica de análise fílmica de Penafria (2009), articulando as análises de conteúdo e imagem e som. De acordo com a autora,

> analisar um filme é sinónimo de decompor esse mesmo filme. [...] [Isso] implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar (Cf. Vanoye, 1994). A decomposição recorre pois a conceitos relativos à imagem (fazer uma descrição plástica dos planos no que diz respeito ao enquadramento, composição, ângulo,...) ao som (por exemplo, off e in) e à estrutura do filme (planos, cenas, sequências). O objectivo da Análise é, então, o de explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação. (PENAFRIA, 2009, p.1)

Como análise de conteúdo, centramos nosso enfoque no tema dos acampamentos da Reforma Agrária, buscando entender como cada um dos vídeos trabalha as seguintes questões:

- como o acampamento da Reforma Agrária está caracterizado?
- o vídeo apresenta a história local?
- quais os conflitos agrários do território e como eles aparecem em cada vídeo?

[1] Disponível em: <https://www.youtube.com/@MovimentoSemTerra>. Acesso em: 15/06/2023.
[2] Disponível em: <https://youtu.be/uJJBeJk1Kzc>. Acesso em: 15/06/2023.
[3] Disponível em: <https://youtu.be/W_DepvZZYUI>. Acesso em: 15/06/2023.

- como são representados os sujeitos presentes no território? Como se organizam?

- como é a produção agrícola em cada acampamento?

Essa análise de conteúdo será associada à análise de imagem e som, que, de acordo com Penafria, entende o vídeo como modo de expressão e traz “o modo como o realizador concebe o cinema e como o cinema nos permite pensar e lançar novos olhares sobre o mundo” (2009, p. 7).

Por fim, é importante destacar que temos três outros TCCs que tratam de análise fílmica na Licenciatura em Educação do Campo da UnB, elaborados por Sideni Torres (2014) sobre os documentários no território Kalunga, por Salvieno Malta (2018) que abordou o ofício das parteiras Kalungas registrado no audiovisual e por Ana Carolina Coutinho (2018), que analisou o uso do filme Quilombo, de Cacá Diegues, em uma comunidade Kalunga.

Capítulo 1 - Contextualização do objeto de pesquisa

1.1 - Acampamentos da Reforma Agrária

O processo de construção de um acampamento da Reforma Agrária exige muita dedicação e organização coletiva de todas as pessoas envolvidas no movimento social do campo. Primeiramente, o movimento social, coletivamente, pesquisa as características da área a ser ocupada, se é publica, se está associada a crimes ambientais ou trabalho escravo, ou seu regime de propriedade, dentre outras questões. Ao fazer a ocupação inicia-se o processo de divisão de tarefas no acampamento, formando os núcleos de base com 10 ou 15 famílias em cada núcleo. Dessa divisão também em cada núcleo também se definem duas pessoas, um homem e uma mulher, para coordenar o grupo. Além disso, é feita a composição dos setores do movimento no território: setor de educação, cultura, juventude, comunicação, frente de massas, direitos humanos, finanças, produção, saúde e formação. Nesse sentido, cada território compõe a trajetória local do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), que em sua trajetória no DF e no Entorno está organizado no Distrito Federal, no nordeste goiano e no noroeste mineiro com muitos acampamentos e assentamentos de Reforma Agrária.

No referencial teórico desta pesquisa, começamos pelo conceito de acampamento, que conforme Fernandes é entendido enquanto “um espaço de luta e resistência. É materialização de uma ação coletiva que torna pública a intencionalidade de reivindicar o direito à terra para produção e moradia” (2012, p. 21).

De acordo com o autor, o acampamento é uma forma de pressão dos movimentos sociais que materializa a luta e a resistência tornando pública a intencionalidade de reivindicar o direito à terra para a produção de alimentos saudáveis, moradia e cuidado com a vida (FERNANDES, 2012). Sem acampamentos não tem como fazer reforma agrária e nem avançar com a luta por direitos, pois é a partir da terra que inicia todos as conquistas por direitos sociais.

É difícil a vida nos barracos de lonas e madeirites, mas é a única forma de pressionar o estado para que realmente aconteça de fato a conquista do assentamento. O acampamento é uma transição para alcançar a conquista, vinda das ocupações de terra e, como ressalta Fernandes, os acampamentos “demarcam nos latifúndios e nos territórios do agronegócio os primeiros momentos do processo de territorialização camponesa” (2012, p. 21).

Sabemos que estar no acampamento é resultado de decisão muito difícil por parte da base Sem Terra, mas é a partir dele que conseguimos transformar a realidade e sonhar com um mundo melhor. Apesar de ser também um espaço de muita tensão e insegurança sobre a conquista, vivemos com ameaças de jagunços ou da própria polícia. É preciso muita resistência e saber lidar com os dragões que nos afligem.

Como exemplo concreto, apresento o território em que vivo a 11 anos, o Acampamento 8 de Março. Ele está situado na região de Planaltina-DF, mais precisamente, em frente à Estação Ecológica de Águas Emendadas (ESECAE), que fica entre a BR 020 e a DF 345, próximo ao trevo com sentido para Alto Paraíso-GO. A área que ocupamos pertence à TERRACAP, a empresa pública Companhia Imobiliária do Distrito Federal, que é responsável pela gestão das terras públicas no Distrito Federal.

Esta área, antes de ser ocupada, foi arrendada e degradada, com o uso desenfreado e intensivo de máquinas pesadas, milho transgênico, sorgo e animais de grande porte, causando a retirada da biodiversidade e compactação do solo. Uma área em que havia relatos de nascentes e minas d’água. Todavia, em 2007, na sede da Fazenda, ocorreu a apreensão de um agrotóxico proibido no mundo[4].

Nessa situação que encontramos, verdadeira terra totalmente degradada, nossa opção, pela prática da agroecologia, não é somente para restaurar o solo, mas, sim, para manter a vida em todos os sentidos. Esse cuidado, que estamos

[4] De acordo com documento da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=971247&filename= REQ%2030/2012%20CDHM. Acesso em 20/10/2021.

buscando, é essencial para a nossa existência e dos demais, contrapondo a essa agricultura da morte, configurada pelo agronegócio e o seu pacote de destruição.

O acampamento tem 11 anos de existência, oriundo da quarta ocupação. Existe um processo, em andamento, para a criação do futuro assentamento. A produção agroecológica do acampamento 08 de março só inicia em maior escala no ano de 2018, pois a área ocupada desde 2012 era de apenas três hectares, onde o espaço era limitado e com 90 barracos dos acampados. A partir de muita luta dos acampados, a Secretaria de Agricultura (SEAGRI) e TERRACAP liberam uma área de 14 hectares para cultivar produções diversas voltadas as famílias acampadas na área. Apesar de muita dificuldade com a área já estamos em um processo bem avançado de produção, por isso a importância dessas duas ferramentas: audiovisual e agroecologia.

Com o atual momento, no qual estamos vivenciando a saída da pandemia de Covid-19, e, também, o período de seca em nosso bioma cerrado, pensa-se, então, a respeito da vulnerabilidade social que estamos enfrentando. Eu e a comunidade, com aproximadamente 80 famílias que vivem no acampamento, decidimos, de forma organizada e com todos os cuidados, fazer um contraponto a essa realidade, buscando a soberania alimentar aliada à sustentabilidade ambiental, social e econômica.

Com o potencial de comercializar os produtos em um grupo de produção agroecológica, no qual eu faço parte da coordenação desse núcleo, que envolve mais de um acampamento e um assentamento, tem-se um grande potencial em buscar a autossustentação e a comercialização com um preço justo para o consumidor, além de efetivar uma boa relação entre campo e cidade. A agroecologia é um conceito e uma construção recente, de definição em permanente elaboração, que, de acordo Guhur e Toná: “Constitui, em um resumo, um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais dos povos originários e camponeses” (2012, p. 59).

Vivemos a prática da agroecologia em nosso acampamento e apesar de estar bem avançada a produção agroecológica, existem muitas contradições entre nós, pois, nos acampamentos e nos assentamentos, existe uma grande diversidade cultural entre as diferentes pessoas, não sendo algo simples de se trabalhar. No entanto, percebe-se que tudo passa por um processo educativo. Nesse sentindo, torna-se fundamental o trabalho conjunto e cooperativo, a fim de superar as nossas limitações e compartilhar os conhecimentos existentes, eliminando a prática dessa agricultura, que somente faz mal a vida. É preciso, portanto, sempre buscar as melhores alternativas para trabalhar de forma eficiente, produtiva e responsável.

Estamos, também, com o processo de ação solidária. Os alimentos são doados, pelo nosso coletivo de produção do acampamento, diretamente para às famílias de várias periferias da cidade do Distrito Federal. Com o excedente da produção, pensa-se, em longo prazo, em estruturar uma feira próxima a área entre a BR 020 e a rodovia DF 345 e, também, em escoar a produção para a cidade de Planaltina-DF.

São muitos os desafios em nossa realidade, desde a alfabetização de jovens e adultos, até o desenvolvimento local, com a necessidade da comercialização dos produtos excedentes, e a superação das práticas individualistas aprendidas nos vários aparelhos ideológicos de dominação (escola, família, religiões, meios de comunicação, exército, trabalho, etc.).

Gradualmente, estamos conseguindo êxitos na práxis da sustentabilidade ambiental, gerada pela recuperação de áreas degradadas, com o plantio de árvores nativas do cerrado e o uso consciente da água. Com práticas agroecológicas, estamos conseguindo maior segurança alimentar. A nossa grande tarefa é de contribuir para aumentar a biodiversidade do espaço, a revitalização das nascentes e das minas degradadas, bem como continuar levando alimentação sem veneno para os trabalhadores do campo e das cidades. Essa relação não está restrita entre os produtores e os consumidores, mas precisa ser entre todos os sujeitos, que acreditam em um projeto de vida e de transformação social. Já estamos vivenciando

o prenúncio, dentro do horizonte da Reforma Agrária Popular, defendida e preconizada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

1.2 – Conflitos no território com a permanência do latifúndio: Acampamento 8 de Março

Sabe-se que no Brasil há mais de 500 anos vemos a continuidade na luta pela disputa pela Terra. Nesse sentido, o Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), vem se organizando através de ocupações massivas de latifúndios no país desde 1984. O Acampamento 8 de Março é originário da quarta ocupação no mesmo território, como mencionado acima. Houve três despejos, sendo que a primeira ocupação aconteceu em 2004 com muita luta e resistência, tendo a durabilidade muito pequena; a segunda no ano de 2007; a terceira em 2010 e a quarta e última ocupação ocorreu em 08/03/2012. Esta última ocupação rendeu frutos, está resistindo, lutando e produzindo até os dias de hoje e caminhando para o futuro assentamento.

Há um conflito permanente com a fazenda Toca da Raposa, localizada às margens da BR 020 e ao lado da DF 345, km 13, Planaltina/DF. A área reivindicada pelo MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra tem setecentos hectares, porém o acampamento possui apenas três hectares e na totalidade a fazenda possui 1285 (mil e duzentos e oitenta e cinco) hectares. Segundo as informações do portal G1, o Acampamento 8 de Março já sofreu várias tentativas de incêndios, sendo esses propositais, ou seja, a área é de muita disputa e resistência. De acordo com a fala da Lucimar Nascimento, integrante da coordenação nacional do MST na época, há suspeita que o fogo tenha sido provocado: ‘’não é uma coincidência, mas uma ação criminosa contra os trabalhadores sem-terra’’, afirma[5]. Como apontam materiais da página do MST, já

[5] http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2014/08/incendio-destroi-dois-acampamentos-do-mst-em-planaltina-no-df.html. Acesso em 20/10/2021.

no início da quarta ocupação no final de semana do 8 de março de 2012, o acampamento sofreu com a ação de pistoleiros fortemente armados:

> Durante este fim de semana, o acampamento 8 de março – na fazenda Toca da Raposa, em Planaltina – sofre com a ação de pistoleiros fortemente armados. Desde o último sábado, eles atiram contra as famílias acampadas. A polícia foi comunicada, mas o clima é de apreensão.[6].

O Acampamento está em um território onde um dia existiu o Cerrado, pois na atualidade o Cerrado já não existe mais. O mesmo foi destruído para dar lugar ao latifúndio para a produção de soja, milho transgênico e a criação de animais de grande porte. Na referida fazenda é notável a grande degradação do solo e a destruição das nascentes. O desrespeito do latifundiário Mario Zinato com a natureza vai além do absurdo, no uso abusivo de agrotóxicos e agentes químicos que contaminam os lençóis freáticos e nascentes do território. Inclusive há denúncias do uso de venenos com venda proibida no Brasil e no mundo, com multa do IBAMA para o latifundiário, como apontado na Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados[7]. Há também, como observado presencialmente pela comunidade acampada, a utilização de maquinários tipo tanques de guerra, que reviram a terra, matando toda biodiversidade e os micro-organismos necessários para a vida do solo e das espécies naturais do bioma.

[6] https://mst.org.br/2012/04/23/pistoleiros-atiram-contra-acampamento-8-de-marco-em-planaltina/. Acesso em 20/10/2021.
[7] Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=971247&filename=REQ%2030/2012%20CDHM. Acesso em 20/10/2021.



Figura 1: Ocupação do Acampamento 8 de Março em 2012. Fonte: Arquivo MST.



Figura 2: Acampamento 8 de Março, preparação inicial do solo degradado para plantio coletivo. Fonte: Arquivo MST.

Por isso estamos buscando superar essa lógica do agronegócio em nosso movimento, uma lógica que só faz mal para a vida no geral. A nossa luta é para trabalhar relações justas com a vida, as pessoas e a terra, para que futuramente nosso assentamento seja modelo, sem exploração das relações sociais e com cuidado com a vida em todos os sentidos e que nosso território seja um território livre de violência. Acreditamos no potencial na Reforma Agrária e que nenhum de nós possa viver da exploração do outro.

Sabemos que o Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro, e que sua preservação é de suma importância não apenas para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), mas também para toda a população, inclusive para a sociedade de Planaltina, pois no território estão localizadas as nascentes das três principais bacias hidrográficas do país, sendo elas: São Francisco, Tocantins e Paraná.

Retomando Fernandes (2012), percebemos que os acampamentos têm uma realidade que “difere pela própria diversidade cultural e regional, mas todos mantêm as características fundantes do movimento, como a resistência e o objetivo de especializar a luta” (FERNANDES, 2012, p. 24-25). São diferenças entre os acampamentos na história, na conjuntura, na duração da luta, nos sujeitos acampados e também em consequência de ações e reações da luta de classes. Para esta pesquisa, partir da realidade do Acampamento 8 de Março em Planaltina DF, para olhar produções audiovisuais sobre outros acampamentos de outros Estados do Brasil é fundamental para estabelecer essas conexões de uma luta comum pela Reforma Agrária Popular. Vejamos adiante, antes de analisar os vídeos sobre os acampamentos selecionados, uma reflexão sobre o audiovisual e a luta pela terra.



Figura 3: vista aérea do Acampamento 8 de Março, em processo de recuperação da terra. Percebemos a contraposição de dois projetos para o campo, Agricultura Camponesa x Agronegócio.
Fonte: Coletivo Retratação.

Capítulo 2 – Audiovisual e luta pela terra

Sabemos que o audiovisual, em uma perspectiva de sua apropriação pelo Movimento Sem Terra (MST), é importante para dar visibilidade, trazer valorização dos acampados e assentados, na organização da classe trabalhadora e uma ferramenta útil no processo de formação, além de trabalhar todos os sentidos. O uso da ferramenta audiovisual foi sempre negado para nós da classe trabalhadora, como sujeito acampado vejo que é um espaço importante a ser ocupado por nós sem-terra, por isso quero destacar também a grande importância da produção coletiva de vídeos.

Como mencionado por Blanca Eekhout, quando presidenta da ViVe TV na Venezuela, a produção audiovisual deve olhar em um sentido integral, inclusive na maneira com que os coletivos de realização audiovisual trabalham:

> Não pode haver a separação entre os que pensam e os que produzem. Vamos trocar funções, conhecer todos os processos, inclusive na área administrativa. Estamos buscando que esta transformação seja integral em toda a parte operativa. Não pode ser uma transformação em pedaços, porque isso conduz a que divididos em parcela. (VIVE TV, 2009, p. 101)

Por isso a grande importância desse trabalho, compreendendo na análise dos filmes o audiovisual como uma ferramenta contra hegemônica, com uma perspectiva popular. Pois o audiovisual, nessa perspectiva popular, permite que a construção seja feita pelo povo, elevando o ponto de vista coletivo na construção do vídeo. Isso se diferencia dos meios de comunicação hegemônicos que excluem toda a possibilidade de construção coletiva dentro da organização social. O audiovisual popular eleva a voz dos sujeitos e traz visibilidade de outros pontos de vista culturais, políticos e sociais.

Nosso enfoque aqui, portanto, é justamente a relação entre a linguagem audiovisual e a luta pela terra. De acordo com Gonçalves, a linguagem audiovisual é criada pelo recorte do espaço por meio da câmera na filmagem com intenção expressiva e, posteriormente, ocorre a montagem em que articulamos as imagens

como uma atividade de síntese criando uma narrativa audiovisual de sons e imagens em movimento (2019, p. 108). Então, dessa forma, estamos falando sempre de um ponto de vista, de quem realiza o audiovisual.

E estamos falando também de uma história dessa relação do audiovisual e a luta pela terra. Como coloca a pesquisadora Adriana Gomes Silva:

> Nosso ponto de partida nos processos de apropriação da linguagem audiovisual pela classe trabalhadora inicia nos anos 1960, insuflados pelas lutas sociais do período, e pelas articulações entre os segmentos camponês, estudantil, operário, artístico e intelectual. As Ligas Camponesas (1955-1964), o Movimento de Cultura Popular (MCP), de Pernambuco (1959-1964), e os Centros Populares de Cultura (CPCs) da União Nacional dos Estudantes (1961-1964) são algumas das principais referências. (SILVA, 2016, p. 31)

Para o MST, portanto, foi necessário tomar os meios de produção audiovisuais na perspectiva de assumir seu ponto de vista na construção dessa história. Sabemos que o processo de elaboração do audiovisual dentro do MST não se deu de maneira simplificada, mas a partir de todo acúmulo que os movimentos de luta pela terra e o MST elaboraram, sobretudo nos debates da Comunicação e da Cultura.

Assim, foram se acumulando lutas e criando um movimento contrapondo a comunicação hegemônica, conjuntamente com a necessidade da luta da classe trabalhadora em contar suas histórias e partilhar seu ponto de vista. Essa construção, de acordo com os e as brigadistas Cadu Souza e Maria Silva (2022), a linguagem audiovisual sempre esteve presente na luta dos movimentos sociais e do MST, seja com contribuição dos parceiros que faziam parte das produções que às vezes contavam partes das histórias das lutas ou nas mãos dos dominadores da comunicação, que geralmente distorcem os fatos acontecidos com suas narrativas próprias contra as trabalhadoras e os trabalhadores.

A experiência do MST foi se concretizando e ganhando força a partir dos anos 2000, com apoio de parceiros nacionais e internacionais, fazendo oficinas,

cursos e aproveitando grandes encontros do MST como seus congressos para se organizar. São muitos parceiros, como por exemplo, a ONG Witness, “que acreditava no audiovisual, na câmera, como uma arma que por vezes poderia impedir abusos de autoridade, massacres ou até ser usada como prova para denúncias em situações em que ocorressem tais práticas” (SILVA; LENON, 2022, p. 46).

Entretanto, apesar dessas parcerias com os coletivos de outros países e com parceiros locais, era necessário aprofundar o acúmulo interno do movimento com o audiovisual. Ao final dessas experiências, ficavam instrumentos como câmeras e equipamentos para o movimento nos estados ou áreas, que permitiam os avanços dos trabalhos. Dentro desse pouco espaço de tempo é uma grande conquista para os Movimentos sociais a apropriação das tecnologias e do audiovisual que vem se acumulando através de décadas. Essa conquista veio através de muitas parcerias e lutas.

Antes de passarmos ao capítulo da análise fílmica, é importante lembrar que a temática dos acampamentos sempre esteve presente nessa história. Um dos principais filmes que formaram a identidade camponesa Sem Terra no audiovisual foi “Terra para Rose”, de Tetê Moraes. O documentário retrata a história da luta pela terra na Fazenda Anoni, uma das lutas formadoras do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra no começo dos anos 1980. Embora o filme termine com o trágico assassinato por atropelamento da lutadora Roseli Nunes, a Rose, o filme trata de algo mais amplo que é a própria luta e resistência Sem Terra em todos seus desafios.

Capítulo 3 – Análise de vídeos sobre acampamentos da Reforma Agrária

3.1 – Acampamento Zequinha Nunes – MG

O Acampamento Zequinha Nunes, localizado no município de São Joaquim das Bicas, região metropolitana de Belo Horizonte – Minas Gerais, iniciou sua trajetória de luta e resistência no dia 05 de julho de 2018, quando "centenas de famílias Sem Terra ocuparam uma área improdutiva de Eike Batista (preso por corrupção)"[8]. O nome do acampamento é uma homenagem ao dirigente do MST, José Nunes, também conhecido como Zequinha, falecido em 22 de junho de 2018.

A área faz parte de uma região cobiçada por projetos de mineração, margeada pelo rio Paraopeba. Foi inclusive atingida pelo crime ambiental de Brumadinho, da empresa Vale, em janeiro de 2019. Como aponta o relatório Conflitos no Campo 2019 da Comissão Pastoral da Terra,

> Na margem direita do Rio Paraopeba, que foi totalmente contaminado, a 16 km de Brumadinho, se encontra uma aldeia dos indígenas Pataxó e dois acampamentos de sem-terra ligados ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Pátria Livre e Zequinha Nunes. Nestes, criados em 2017, mais de mil famílias vivem do cultivo da terra (culturas de milho, mandioca, feijão, hortigranjeiros, leguminosas e folhosas), que depende diretamente do rio para a agricultura orgânica de subsistência e comercialização do excedente nas feiras livres da região. De todos os atingidos pelos crimes da Vale, os acampados e os indígenas são os que mais têm sofrido racismo ambiental, com a total negação do reconhecimento de seus direitos pela empresa. (CPT, 2020, p. 149-150)

Como percebemos na citação acima, além da situação de conflito existente, o território do acampamento Zequinha Nunes tem sua luta associada ao acampamento Pátria Livre, na mesma região, cuja ocupação ocorreu em 26 de julho de 2017 na Jornada Nacional de Lutas intitulada "Corruptos, devolvam nossas terras!". De acordo com o site do MST, "as terras fazem parte da MMX

[8] De acordo com a descrição do vídeo "ACAMPAMENTO ZEQUINHA | 1 ano de muita luta e resistência!", disponível em <https://youtu.be/uJJBeJk1Kzc>. Acesso em 12 de julho de 2023.

Mineração e Metálicos, empresa falida do empresário [Eike Batista] e encontravam-se abandonadas. [...] a área sofreu constantes violações ambientais com a atividade mineradora frequente em seu solo."[9]

Nessa matéria do site do MST, identificamos também as motivações da ocupação, apontadas por Sílvio Neto, dirigente do movimento em Minas Gerais:

> Neto argumenta que a região metropolitana de Belo Horizonte está sendo fortemente atingida por uma crise ambiental e econômica, agravada pela empresa de Eike. "No aspecto da crise ambiental, a atividade que a MMX do Eike Batista exerceu aqui na região comprometeu o abastecimento de água de toda a região metropolitana", disse. O movimento também aponta a desigualdade refletida na situação, argumentando que, enquanto Eike Batista responde ao processo por corrupção em prisão domiciliar, milhares de famílias da região enfrentam a crise financeira acompanhada da falta de emprego, terras e moradia digna. Por último, o MST coloca que também pretende pressionar o poder público e os órgãos ambientais responsáveis pela distribuição de terras por meio da reforma agrária e pela fiscalização das violações ambientais cometidas pelo empresário na área.[10]

Nestes seis anos de acampamento Pátria Livre e cinco anos de acampamento Zequinha Nunes, percebemos em nossa pesquisa que as famílias se organizaram para permanecer no território, avançando na produção, criando a Escola Elizabeth Teixeira e um posto de saúde no acampamento Pátria Livre, entre outras conquistas.

Após a breve contextualização do território, vamos retomando as perguntas para a análise de conteúdo elencadas em nossa metodologia, listadas abaixo, para uma análise inicial sobre o conteúdo do vídeo "ACAMPAMENTO ZEQUINHA | 1 ano de muita luta e resistência!"[11].

O vídeo, realizado por Agatha Azevedo e Felipe Muniz, militantes do Setor de Comunicação do MST-MG, regional Milton Freitas - Metropolitana, tem 8 minutos e 58 segundos de duração e está publicado no canal do Movimento Sem Terra no YouTube. A narrativa mostra imagens do território, usando filmagens

[9] Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/07/26/mst-ocupa-terras-de-eike-batista-em-minas-gerais/>. Acesso em 19 de julho de 2023.
[10] Idem.
[11] Disponível em: <https://youtu.be/uJJBeJk1Kzc>. Acesso em 19 de julho de 2023.

panorâmicas de drone, mostrando a vista aérea do local, articuladas com imagens dos acampados na lida e entrevistas com a base acampada. Aparece também a fala de uma dirigente do movimento, que contextualiza a história do acampamento no vídeo, e de outro dirigente que é inclusive filho do dirigente falecido Zequinha Nunes.

Pergunta 1) como o acampamento da Reforma Agrária está caracterizado?

Sua caracterização se destaca na produção agroecológica de alimentos saudáveis, diversificada, na organização das famílias e símbolos do movimento sem-terra que aparecem frequentemente como blusas, chapéus, uso da bandeira. Vemos a luta e a resistência diária das famílias nos barracos de madeirites, as hortas comunitárias e nos depoimentos de cada participante. Nas imagens aéreas percebemos o desenho territorial da área coletiva de produção e também da área de moradia dos acampados. Trata-se de uma organização territorial semelhante ao primeiro desenho territorial criado no acampamento 8 de Março, garantindo o espaço da produção e da vida coletiva das famílias.

Pergunta 2) o vídeo apresenta a história local?

No trecho a partir de 1min55seg o vídeo apresenta fotografias de arquivo relacionados ao momento da ocupação, narrados por um áudio em off da dirigente do movimento. É relatado um despejo das famílias de uma área onde se encontravam acampadas anteriormente, e logo em seguida, partem para ocupar a área onde hoje está situado o acampamento Zequinha Nunes. Nesse relato, a dirigente ressalta a organização em setores desde o início do acampamento, seguindo depois para outras falas em que se coloca a terra como destinada à criação de animais de grande porte, sem maiores cuidados.

Destacamos, porém, que esse curto histórico encontra a limitação de trazer apenas o histórico ligado ao acampamento Zequinha e não traz o conflito histórico do território. Como vimos anteriormente, seis meses após a ocupação houve o crime ambiental de Brumadinho, que não é mencionado no vídeo, bem como a questão da mineração e a corrupção do empresário Eike Batista. Acreditamos que

esses aspectos deveriam ter sido mencionados, ou seja, faltou mais essa ligação com a história no sentido mais amplo da luta de classes.

Pergunta 3) Quais os conflitos agrários do território e como eles aparecem em cada vídeo?

No vídeo do acampamento Zequinha, como mencionamos acima, não aparece que é uma área muito cobiçada por projetos de mineração e outros interesses, então esse conflito territorial não aparece. Ao analisarmos o vídeo, vimos que a dirigente quando fala da ocupação, menciona o caráter de denúncia, mas esse caráter fica restrito à questão do latifúndio improdutivo. Entendemos que seria muito importante colocar esse tema, seria uma denúncia importante e certeira a ser feita para a sociedade. O suposto dono não aparece, inclusive acusado de corrupção, assim como é um território que foi atingido pela destruição da mineração e isso não aparece no vídeo.

Pergunta 4) como são representados os sujeitos presentes no território? Como é a sua organização?

Há uma boa quantidade de falas de acampados, em seus locais de moradia, e é perceptível no vídeo a formação da consciência desses sujeitos. Como, por exemplo, quando uma acampada faz a crítica ao fato de que a terra era considerada improdutiva, questão que foi superada pelo trabalho coletivo e organização: [a gente] “formou a horta comunitária, aí nós íamos todo mundo, as mulheres, os homens, todo mundo para a horta, foi aquela união da comunidade. Aí rapidinho aquela terra se transformou em um verde, foi uma experiência muito boa.”

Então, com os depoimentos dos acampados, vemos que há uma perspectiva de valorização da luta, que é muito relevante em ser destacada, como dito por um companheiro na porta de sua casa: “a gente lutou, lutou, continua na luta... agora graças a Deus estamos tendo luz, água à vontade, abundante, estamos com nossas plantaçõezinhas, temos mais dignidade do que a gente tinha lá fora.”

Por outro lado, percebemos que os dois dirigentes aparecem em contextos diferentes ao acampamento, embora seja ressaltado a importância da luta dos acampados e a vinculação com eles. Fica, de algum modo, o receio do vídeo “dar um salto” com sujeitos em diferentes contextos, afastando dirigentes e acampados.

Pergunta 5) como é a produção agrícola em cada acampamento?

A produção agrícola do acampamento Zequinha se destaca muito bem do início ao final, sendo que os entrevistados conseguem deixar claro a importância daquela terra para a produção. Uma terra que antes era totalmente degradada, se tornou bastante produtiva. Eles já conseguem tirar o seu sustento do próprio acampamento de forma bem organizada, trazendo de fato seu elemento central de divulgação e propaganda da reforma agrária popular. Inclusive vemos esse caráter de transformação da vida dos acampados pela produção na fala de um deles: ‘’aqui realmente quem quer muda, quem quiser viver bem, batalhar, aqui é o lugar”.

Complementaremos aqui nossa análise do vídeo “ACAMPAMENTO ZEQUINHA | 1 ano de muita luta e resistência!” com a análise de imagem e som, de acordo com nossa metodologia. Selecionamos então três passagens que detalharemos agora:

- Passagem 1) As pedras e o solo a ser recuperado.



Figura 4: frame do vídeo em análise, 0min45seg.

Essa imagem traz consigo a luta e o compromisso daqueles que resistem e acreditam em uma transformação social. Sob o som ambiente do barulho da enxada somado à canção Terra e Raiz[12] de fundo em volume baixo, o plano mostra os pés de trabalhadores que trabalham com a enxada na terra. O solo totalmente degradado e arrasado é recuperado aos poucos de forma coletiva, pelo trabalho mesmo com uma ferramenta bruta sem acesso a máquinas ou outras ferramentas.

A montagem intercala essa imagem e sons a falas abordando a produção no acampamento com um ano de vida e o gosto das acampadas que falam em estar ali. Vemos então que os sem terras fazem a transformação do acampamento Zequinha dando vida ao solo e a todo aquele território com sua organização e trabalho coletivo, pois se não fosse pela mão de muitos não seria possível tamanha transformação.

Então, acreditamos que essa suavidade da música com som da enxada traz a esperança de dias melhores e reconstrução de toda a vida que tinha sido retirada daquele local e mostra o que realmente fazem aqueles que, por mais que sejam criminalizados e discriminados, trabalham para a reconstrução desse país.

- Passagem 2) Fogo como transição.



Figura 5: montagem com três frames do filme, representando a sequência analisada de 01min47seg a 02min01.

Essa montagem é uma verdadeira obra de arte. Percebemos que a primeira imagem lembra bem o início do Acampamento 8 de Março, em Planaltina

[12] Disponível em: <https://soundcloud.com/movimentosemterra/03-terra-e-raiz-i-oficina>. Acesso em 17 de julho de 2023.

DF, com sua área coletiva de produção separada das moradias, área que hoje já tem uma produção consolidada após anos de luta.

Outra questão que chama atenção é o verde da produção coletiva que se destaca depois de muito trabalho, a transformação daquele solo não tem preço, pois isso mostra a organização e a potência que é um acampamento de trabalhadores rurais Sem Terra. Por mais que seja em outro estado tem bastante coisas em comum, a restauração de toda a vida daquele território que antes era um território destruído, a imagem por si só mostra a importância do registro para avançar.

A segunda imagem do fogo que faz a transição depois da primeira imagem traz como símbolo a chama acesa no acampamento e remete a um contexto mais amplo, simbolizando a luz e a vida que está se constituindo naquele território. Além disso, destaca a resistência como elemento essencial de transformação e também destaca o processo de reconstrução.

A terceira imagem traz uma fotografia da ocupação, colocando um pouco da história do Zequinha. Então, nessa passagem entre o dia e a noite, com o fogo em uma imagem intermediária, traz também a história da luta e da resistência dos trabalhadores Sem Terra e o compromisso com a vida e com a natureza. Em síntese, essa passagem no vídeo é carregada de símbolos e de construção de dias melhores.

- Passagem 3) Dirigente do acampamento.



Figura 6: montagem com dois frames do vídeo, mostrando a dirigente do acampamento no início do filme (à esquerda, de 0min00seg a 0min07seg) e no final do filme (à direita, de 07min07seg a 07min40seg).

Trouxemos esses dois trechos para análise, pelo seu aspecto contraditório. Vemos simultaneamente um vínculo afetivo muito forte da dirigente com a base acampada e, por outro lado, uma entrada da dirigente no vídeo que pode reforçar certa ênfase individual.

A imagem que abre o vídeo traz a exposição da dirigente e pode levar à interpretação de uma prática mais centralizadora por parte dela. Sabemos que em um movimento social como o MST, as tarefas devem ser divididas e, no caso, seria importante que outros sujeitos assumissem protagonismo no vídeo, valorizando a participação da militância, mesmo a dirigente sendo uma figura de suma importância. O vídeo poderia começar, por exemplo, com a imagem do próprio Zequinha Nunes que aparece brevemente no final do vídeo. A imagem da dirigente fica sem conexão até da música, que começa após a sua fala e traz mais sentido quando vem outras imagens na continuação da narrativa. Funciona quase como um prólogo em separado, colocando talvez um sentido de que as imagens daquela fala em diante tem uma associação com o papel da dirigente.

Isso é reforçado no trecho final de retorno da dirigente, de 07min07seg a 07min40seg. Essa última imagem, novamente de certa maneira coloca em risco todo o trabalho coletivo que o próprio vídeo traz. Volta a dirigente colocando que a base pode contar com ela, levando para outro caminho que é o da exposição e até mesmo com riscos para a sua segurança. O som da canção “Assim já ninguém chora mais”[13] não liga com o conteúdo da fala, pois aparece um distanciamento nítido na imagem entre acampados e dirigente, embora seja destacado o vínculo afetivo.

O vídeo, com esse trecho, pode induzir que um militante atua de forma centralizadora, e sabemos que sozinho não se consegue ir muito longe. Por isso é preciso preservar sua imagem e cuidar para não expor o coletivo. A melhor solução é para avançar na luta com a linguagem audiovisual, que pode nos divulgar, mas também pode ser usada de arma contra nós. Assim, é preciso envolver o coletivo sem deixar expor uma pessoa do coletivo.

[13] Disponível em: <https://soundcloud.com/movimentosemterra/05-assim-ja-ninguem-chora-mais>. Acesso em 17 de julho de 2023.

3.2 – Acampamento Cícero Guedes – MST - RJ

O acampamento Cícero Guedes está localizado no município de Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. Sua ocupação ocorre no dia 24 de junho de 2021, com cerca de 300 famílias de trabalhadores Sem Terra. Trata-se de uma reocupação das terras improdutivas da usina de Cambaíba em uma luta que se arrastava ao longo do tempo. Como aponta o site do MST, a luta pela terra e a resistência no local tem "uma história que já dura 23 anos, desde a primeira ocupação nas terras da Cambaíba, em 17 de abril de 2000, que resultou na conquista do assentamento Oziel Alves"[14].

Cícero Guedes, alagoano, foi um dirigente do MST RJ que tombou dentro da lógica perversa do latifúndio, tendo sido assassinado em Campos em janeiro de 2013. Sua atuação destacada na região levou o movimento a homenageá-lo com o nome desta ocupação. De acordo com o cineasta Fernando Sousa, que produziu um documentário em sua homenagem,

> Cícero Guedes tinha uma enorme capacidade de articulação e mobilização política. Foi uma das principais lideranças do MST no Estado do Rio de Janeiro, influenciou e foi fundamental na formação de estudantes em nível de graduação e pós-graduação da UENF [Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro] e UFF [Universidade Federal Fluminense], em Campos dos Goytacazes. Particularmente, destacaria a sua contribuição com o movimento estudantil na luta pela universidade pública e pela construção do Restaurante Universitário, o Bandejão da UENF, que hoje leva seu nome.[15]

Sobre o conflito agrário no local, conforme o site do MST,

> O judiciário havia decido pela emissão de posse do local ao INCRA, mas apesar da decisão favorável, o INCRA permanecia omisso sem assegurar a posse da terra, que garantiria o início do Projeto de Assentamento. Essa era a ordem do governo Bolsonaro, mesmo com decisão favorável, o governo se recusava

[14] Disponível em: <https://mst.org.br/2023/06/22/mst-comemora-2-anos-de-resistencia-do-acampamento-cicero-guedes-no-rj/>. Acesso em 19 de julho de 2023.
[15] Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/01/26/cicero-guedes-lider-do-mst-assassinado-em-campos-rj-tera-vida-contada-em-documentario>. Acesso em 19 de julho de 2023.

> a cumprir a Constituição de 1988 e realizar a Reforma Agrária no latifúndio.
>
> As famílias Sem Terra, então ocuparam o INCRA para reivindicar a tomar posse da terra e concretizar a conquista do assentamento e o tão sonhado “pedaço” de terra para produzir alimentos e garantir a dignidade humana com a Reforma Agrária. Foram dois anos de muitos enfrentamentos, ameaças, intimidações, fake news, um superintendente do INCRA bolsonarista no estado, que atacou as bandeiras das famílias Sem Terra, tentou desmobilizar a ocupação e criminalizar o MST.[16]

Após este breve contexto do território, seguimos para nossa análise de conteúdo e de imagem e som sobre o vídeo “Acampamento Cícero Guedes (RJ): Primeiros momentos da Ocupação”[17].

O vídeo, realizado pelo Coletivo de Comunicação do MST-RJ envolvendo as/os realizadores Bárbara Vida, Camilla Shaw e Matheus Teixeira, mostra ao final sua vinculação com a Brigada de Audiovisual Eduardo Coutinho, coletivo responsável pela produção de audiovisual do MST em âmbito nacional. É um vídeo que contextualiza, com falas de vários sujeitos em envolvidos na ocupação, militantes, dirigentes, base acampada, a história de luta no território, a usina Cambaíba como latifúndio improdutivo, sonegador de impostos e vinculado aos assassinatos da ditadura militar, a importância do legado de Cícero Guedes, entre outras questões. Vejamos as respostas da análise de conteúdo abaixo.

- Como o acampamento da Reforma Agrária está caracterizado?

O vídeo mostra os primeiros dias da ocupação, então vemos a montagem dos barracos e dos espaços coletivos. Já estão presentes características importantes dos símbolos do MST como bonés, bandeiras, lona preta, placas com os cuidados. A mística está presente, as músicas do movimento gravadas pela Brigada de Audiovisual cantadas durante a ocupação, os facões como símbolo. Já a antiga usina apresenta suas estruturas totalmente destruídas.

- O vídeo apresenta a história local?

[16] Disponível em: <https://mst.org.br/2023/06/22/mst-comemora-2-anos-de-resistencia-do-acampamento-cicero-guedes-no-rj/>. Acesso em 19 de julho de 2023.
[17] Disponível em: < https://youtu.be/W_DepvZZYUI>. Acesso em 19 de julho de 2023.

O vídeo ressalta a história de muita luta a partir de falas dos sujeitos presentes na ocupação, em diferentes níveis de aprofundamento, e com uso de imagens de arquivo. Está colocada a presença e o legado de Cícero Guedes, como também a violência agraria contra os trabalhadores e trabalhadoras. É uma história agrária que diz respeito a todo o país, com muita resistência e violência, uma luta de 21 anos.

- Quais os conflitos agrários do território e como eles aparecem em cada vídeo?

O vídeo do acampamento Cicero Guedes traz vários conflitos agrários locais com a usina e seus impactos naquele território, inclusive desde muitos anos atrás onde o vídeo traz denúncias desde a ditadura militar em que a Cambaíba era usada para incinerar corpos de pessoas que lutavam contra a ditadura militar. Ali tinham pessoas trabalhando com situação de escravidão, muitas dívidas, exploração de crianças e era improdutiva.

- Como são representados os sujeitos presentes no território? Como se organizam?

Percebemos no vídeo uma representatividade bastante diversificada, com dirigentes mais velhos e futuras projeções como no caso das crianças e jovens que aparecem no vídeo. Vemos mulheres acampadas e dirigentes, pessoas que foram acampar de diferentes situações de vida, o que toma o vídeo mais participativo com forças diferentes. Isso é o que torna a história mais coesa, inclusive com a fala do Cícero que é bastante forte no vídeo. Outra parte fundamental é a fala de apoio do bispo dom Roberto.

- Como é a produção agrícola em cada acampamento?

No acampamento Cicero Guedes não aparece muito, pois é o início do acampamento. Por isso, aparece mais a história e na fala de uma militante ela destaca que primeiro vão organizar a moradias e depois a construção e organização da produção.

Complementaremos aqui nossa análise do vídeo “Acampamento Cícero Guedes (RJ): Primeiros momentos da Ocupação” com a análise de imagem e

som, de acordo com nossa metodologia. Selecionamos então duas passagens que detalharemos agora:

Passagem 1) Cícero Guedes Presente!



Figura 7: frame do vídeo em análise, 2min55seg.

A imagem do Cicero Guedes no filme mostra o compromisso que o dirigente assassinado tinha com a luta e como era comprometido juntamente com os outros companheiros. É trazido para o filme e apresentado em um contexto de luta, possivelmente, uma ocupação. Trata-se de um exemplo de militante segurando um símbolo mais precioso que é a nossa bandeira.

O som da sua voz e dos companheiros ali presentes na imagem ecoa compromisso e esperança de que a Reforma Agrária é uma saída para a transformação social desse país, além do compromisso coletivo de projeto social. A forte fala do militante se associa com a resistência e utopia da transformação social, e também se liga com o contexto histórico nesse trecho do vídeo.

Passagem 2) Final do vídeo.



Figura 8: montagem com dois frames do vídeo, mostrando o final do filme (de 10min00seg a 10min12seg).

A expressão da primeira imagem mostra o arame que prende os sonhos, mas também, ao fundo, a imensidão do céu que nos dá a liberdade de sonhar por dias melhores.

Já a segunda imagem traz a força do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra através da bandeira, que é um dos símbolos mais importantes de transformação social e de esperança do projeto de Reforma Agrária. Vemos então, na passagem de uma imagem para a outra, a expressão das/os realizadores do vídeo em caracterizar a luta e a resistência dos trabalhadores. É a luta que fica nítida nessas imagens, então percebemos no vídeo como é importante o registro audiovisual e o som do hino do movimento que dá o tom da luta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo de fazer análises fílmicas de vídeos sobre acampamentos de Reforma Agrária, veiculados no canal do YouTube do MST, para que futuramente possamos seguir na construção do documentário do Acampamento 8 de Março do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST-DFE). Acreditamos que durante essas análises conseguimos apontar elementos de conteúdo e de imagem e som, criando reflexões para que possamos avançar futuramente na construção desse documentário, que será de suma importância no desenvolvimento da história e memória e com ferramenta de diálogo com a sociedade sobre o Acampamento 8 de Março em Planaltina DF.

Nas análises percebemos que existem muitas coisas em comum entre os vídeos, realizados por nossa militância a partir da apropriação da linguagem audiovisual. Gostaria de destacar a importância desse tipo de produção pelos trabalhadores, mostrando registros históricos do começo de lutas nos acampamentos da Reforma Agrária, sendo um vídeo com um ano de acampamento e outro com poucos dias de ocupação. Em nosso caso do acampamento 8 de Março, temos mais de dez anos de luta na lona preta. Não encontramos vídeos de acampamentos mais antigos, então é uma lacuna que precisa ser documentada pelo audiovisual do MST.

Queremos destacar também como é riquíssimo esse trabalho no avanço da produção agroecológica, vista no acampamento Zequinha Nunes, como também é fundamental o registro da cultura, da luta e resistência dos Sem Terra. A busca pela utilização da ferramenta do audiovisual como forma de instrumento para contrapor a ideologia dominante que acaba criminalizando a luta é fundamental. Então é preciso contrapor, é preciso divulgar o projeto de Reforma Agrária Popular utilizando dessa linguagem que é totalmente essencial para a luta da classe trabalhadora e hoje mais acessível para nós.

Entendemos, depois de nossa pesquisa, que o audiovisual não desenha a realidade, mas é o recorte da realidade que dá voz e visibilidade aos sujeitos

oprimidos dentro de uma perspectiva popular, tornando possível compartilhar aquilo que nunca foi filmado por ninguém. Essa luta dos movimentos populares do campo e da cidade para a democratização da comunicação, já vem sendo enfrentada a bastante tempo para que a classe trabalhadora possa acessar esses meios de comunicação popular.

Referências bibliográficas

COUTINHO, Ana Carolina de Deus. **O uso do audiovisual no ensino de história:** desafios, potencialidades e limites na escola da comunidade de São José, Cavalcante-Goiás. 2018. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2018.

CPT, Comissão Pastoral da Terra. **Relatório Conflitos no campo**: Brasil 2019. Goiânia: CPT Nacional, 2020.

FERNANDES, Bernardo Mançano, Acampamento. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

GONÇALVES, Felipe Canova. **Linguagem audiovisual e Educação do Campo**: práxis e consciência política em percursos audiovisuais. 2019. 290 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

GUHUR, Dominique; TONÁ, Nilciney. Agroecologia. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes** – conceito e metodologia(s). VI Congresso SOPCOM, Lisboa, Abril de 2009. Disponível online.

MALTA, Salvieno Cardoso. **Análise de documentários sobre o ofício das parteiras Kalunga da Chapada dos Veadeiros.** 2018. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SILVA, Adriana Gomes. **Vídeo popular:** contra-hegemonia, formação política e reforma agrária. 2016. 82 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2016.

SILVA, Maria; LENON, Wellington. Histórico do Audiovisual no MST. In: COUTINHO, Brigada de Audiovisual Eduardo. **Ocupar a terra e as telas:** Reflexões sobre audiovisual no MST. São Paulo: MST, 2022.

SOUZA, Cadu; SILVA, Maria. Reforma Agrária Popular e o Audiovisual. In: COUTINHO, Brigada de Audiovisual Eduardo. **Ocupar a terra e as telas:** Reflexões sobre audiovisual no MST. São Paulo: MST, 2022.

TORRES, Sideni Cesário De. **Documentários no território Kalunga**: análise dos filmes Entre vãos e Império e suas raízes. 2014. 98 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2014.

VIVE TV, Escuela Popular y Latinoamericana de Cine. Manual do Produtor Integral: conselhos para entrevista, reportagem e documentário. In: TERRA, Pontão de Cultura Rede Cultural da. **Caderno das Artes**: Audiovisual e a construção da realidade. São Paulo: Cepatec, 2011. pp. 101-115.